


# *Parcerias*

The background features a repeating pattern of interlocking puzzle pieces in a light beige color. Overlaid on this are larger, semi-transparent puzzle pieces in yellow, white, and pink. In the lower right corner, a hand is shown placing a brown puzzle piece into the pattern.

The background features a light beige color with a repeating pattern of faint, stylized human figures in a light blue-grey tone. Overlaid on this are several large, semi-transparent puzzle pieces in shades of blue, purple, and orange, arranged in a way that suggests they are being assembled or fit together.

O UniBrasil conhece e exerce suas potencialidades dentro da missão de oferecer ensino de qualidade e formação ética para a vida, mas entende que parcerias corroboram geralmente o adágio de que o todo é maior do que a soma das partes; nesse sentido, integra-se com várias outras instituições para a realização de muitos eventos culturais e educacionais. A união de energias, vocações, aspirações, capacidades e recursos para a consecução de objetivos comuns tem produzido excelentes resultados.

# Nobel e Brasil

A Fundação Nobel, criada em 1895 pelo cientista sueco Alfred Nobel, inventor da dinamite, tem premiado personalidades internacionais de destaque em Física, Química, Medicina, Literatura, e desde 1901 também aqueles dedicados à promoção da Paz. Nobel foi celebrado como cientista, empreendedor e pacifista, apesar de sua invenção ter sido utilizada para a guerra.

No Brasil, tivemos dois cientistas muito próximos de ganhar o Nobel: o primeiro foi Carlos Chagas, médico, pesquisador e sanitarista, dedicado ao estudo das doenças tropicais, indicado em 1913 e em 1921; e o segundo foi César Lattes, físico curitibano que permitiu o desenvolvimento da Física de Altas Energias.

## AUTOR

José Augusto Mercês dos Santos - Bacharel em Ciências Militares, Bacharel e Licenciado em Educação Física, Pós-graduado em Docência do Ensino Superior e em Fundamentos Históricos e Geopolítica, licenciado em Filosofia e em História, voluntário em missão da ONU no Haiti pós-terremoto.

Desde a sua primeira edição, até o presente, alguns brasileiros e brasileiras listaram entre os indicados para o prêmio Nobel da Paz entre eles: Osvaldo Aranha (1948), Josué de Castro (1953, 1963, 1964, 1965 e 1970), Herbert de Souza (1994) e Zilda Arns (2006), para citar apenas alguns. No entanto, e em que pese as indicações, nenhum deles foi contemplado com a premiação. E, além do médico sanitarista Carlos Chagas e do físico César Lattes, nenhum outro brasileiro ou brasileira foi indicado a nenhuma das outras categorias premiadas pelo Nobel.

Diante dessa constatação, fica o questionamento: por que não existem brasileiros contemplados com o Prêmio Nobel? Seria realmente o Brasil um país vocacionado a enterrar mentes brilhantes, tal como afirmou Osiris Silva no programa Roda Viva, em 2018? Ou são outros os fatores que influenciam no fato de nenhum brasileiro até hoje ter sido laureado com tão almejado prêmio?

Se for considerado o fato de acesso à educação e formação de qualidade como elemento fundamental para o desenvolvimento de talentos, teríamos aí, talvez, uma hipótese. Em se tratando de um dos países com uma das maiores desigualdades sociais do planeta, os recursos da maioria são destinados à sobrevivência, e não ao ensino formal. Dessa forma, os recursos para a educação e para o desenvolvimento de capacidades, habilidades e talentos de destaque nas áreas premiadas pelo Nobel precisariam vir, especialmente, do Estado.

Mas, o Brasil é também um dos países que menos investe recursos públicos por aluno matriculado na rede pública de ensino. Sendo assim, a combinação entre recursos financeiros e acesso à educação de qualidade seria possível somente a uma parcela ínfima da população e esse fator, por si só, já poderia ser elencado como hipótese para resolver o problema colocado no início deste texto.

Afirmar que tais fatores são irrelevantes e que o que importa é o talento individual, seria equivalente a valorizar apenas aque-

le que passou pela “jornada do herói”, desmerecendo o trabalho de instituições de ensino que sobreviveram ao tempo, e que ainda conseguem oferecer ensino de qualidade, seja pela organização e conteúdo dos seus programas, seja pela formação de seu corpo docente. Ou ainda, por uma capacidade intrínseca de alguns seres humanos que nasceram com predicados únicos.

No entanto, há outros fatores que podem ser elencados. Institutos de pesquisa nacional revelaram, em pesquisa recente, que crianças e adolescentes brasileiros passam, em média e de forma efetiva, três horas diárias na escola, e que a escolarização do brasileiro, em média, é de 11,8 anos. Por outro lado, pesquisas de órgãos internacionais, também recentes, apontam que o brasileiro passa em torno de três horas e meia conectado nas redes sociais – quatro vezes mais do que os japoneses, por exemplo -. Após essa compilação simples de dados e do cruzamento com dados de outros países acerca desses mesmos temas, é possível traçar algumas hipóteses sobre uma das tantas possíveis respostas à questão inicialmente proposta.

A essa hipótese poderia ser contraposta a informação de que, comparativamente ao Brasil, no Japão as pessoas passam menos tempo nas redes sociais e, mesmo assim, esse país tem cinco vezes menos laureados com o Nobel do que os Estados Unidos, país em que as pessoas passam uma quantidade de tempo similar aos brasileiros nas redes sociais. Seria então o tempo passado em frente às telas ou à qualidade do conteúdo para o qual se destina esse tempo? Volta-se à questão da educação como um fator relevante por trás da “produção” desse “conteúdo” digital, criado e compartilhado em rede cibernética.

Seria leviano não levar em consideração ainda outros aspectos muito importantes relacionados à história da nossa construção como nação – uma colônia de exploração - na qual os “colonizadores” tinham com o objetivo o lucro imediato e às “elites” interessava (e interessa?) um povo pouco esclarecido. Mas, isso também faz parte do que deve ser parte da solução, encarar de fato essa realidade e não deixar essa triste constatação ser esquecida.

Pode-se então afirmar que fatores históricos e padrões de comportamento atuais, influenciados pelas mídias digitais, constituem uma combinação complexa, entre o acesso à informação, a sociedade em rede e crise da educação formal no nosso país. Quando se torna lugar comum “postar” tudo o que acontece, transformando o banal em extraordinário e o fato em acontecimento, em meio à uma enxurrada de informações acessadas e rapidamente compartilhadas, o essencial – a reflexão que faz a informação gerar conhecimento – acaba cedendo lugar à sensação de ter o “conteúdo” curtido. E sempre existirá alguém para “curtir” - do verbo valorizar o que é “curto” e com significado raso – o que é publicado, mantendo ativos os chamados estímulos dopaminérgicos aos quais acabamos sendo subordinados.

Valorização do óbvio, padrões repetitivos de comportamento em massa e elevadíssimo engajamento digital: este é um campo de pesquisa extenso e ao alcance de qualquer pessoa que se interesse pelo tema. Infelizmente isso poderia ser apenas mais um dos efeitos colaterais da tecnologia, mas suspeita-se que não. A desigualdade social, o pouco acesso à educação formal de qualidade, ou o amplo acesso a uma educação formal pública ainda não satisfatória, podem explicar esse mergulho desenfreado e quase ininterrupto nas redes sociais, cujo “conteúdo” intensifica os déficits educacionais do brasileiro em relação a outros países.

Por enquanto, aqueles que demonstram alguma capacidade de pensar fora da caixa e com um pouco mais de erudição, tendem a continuar sendo tratados com estranheza e incompreensão. E, se você não precisou de dicionário para entender o texto, você também pode fazer parte da solução.

